

# “Um aquecimento desigual do nível de atividade”

por Isabel Nogueira Batista  
de São Paulo

21 SET 1988

GAZETA M

A economia brasileira está atravessando uma conjuntura muito particular, em que se verifica um aquecimento desigual do nível de atividade, puxado pelo crescimento das exportações e da produção agrícola. O ex-assessor do ministro Dílson Funaro e atual diretor do Instituto de Economia do Setor Público (IESP), ligado à Fundação de Desenvolvimento Administrativo (Fundap), Luiz Gonzaga Belluzzo, compara a atual fase de ligeiro reaquecimento do produto nacional, movido pelo aumento das exportações, com a recuperação econômica de 1984/85.

“Em 1984, tivemos um saldo das exportações, que se refletiu numa recuperação dos salários e num certo reaquecimento da demanda interna. Isso gerou uma conjuntura de aquecimento do produto, no final de 1985”, observa Belluzzo. Nessa época a inflação começava a ameaçar uma mudança de patamar, dos cerca de 14% para 20% mensais.

Depois do impulso a mais sobre a demanda interna, proveniente do Plano Cruzado, decretado no inicio de 1986, os índices de inflação acabaram disparando, no ano seguinte, registrando-se uma queda dos salários, em 1987.

Neste ano, à semelhança do que ocorreu em 1984, assistiu-se a uma rápida recuperação das exportações, acompanhada, segundo Belluzzo, de um crescimento do salário médio real da indústria.

“Na realidade, estamos vivendo ciclos de expansão econômica cada vez mais curtos, que são rapidamente abortados em função de problemas permanentes como o desequilíbrio fiscal do governo e o endividamento externo do País”, avalia Belluzzo. A não solução destas questões acaba levando a uma instabilidade no nível geral de preços.

“Provavelmente, daqui para o final do ano, o governo perderá o controle da inflação”, diz Belluzzo, que não acredita na eficácia da atual política econômica no sentido de minimizar os desequilíbrios macroeconômicos do País, como mega-superávits comerciais, baixo nível de investimento, aceleração inflacionária e déficit público.

Seria necessário pensar-se de fato num esquema alternativo de financiamento



Luiz Gonzaga Belluzzo

do setor público, que deveria passar por uma outra negociação da dívida externa e por uma mudança do mecanismo de formação de preços da economia, o que não implicaria necessariamente um choque heterodoxo.

## DÍVIDA EXTERNA

“O problema da dívida é um problema fiscal”, afirma Belluzzo, que não crê na possibilidade de se resolver o problema do déficit do governo com a manutenção de pesadas transferências de recursos para o exterior para o pagamento dos juros da dívida, recursos estes obtidos através da produção de enormes superávits comerciais.

Na opinião de Belluzzo, a solução para o endividamento externo brasileiro vai acabar passando pela aceitação por parte dos credores de um desconto. “Já se discute, a nível internacional, a criação de uma instituição formada por governos dos países credores que compraria a dívida dos bancos privados”, diz Belluzzo. É preciso, segundo ele, pensar numa outra fonte de financiamento para países em desenvolvimento, pois não existe mais a possibilidade de volta ao mercado voluntário de crédito internacional.

## PREÇOS

Para controlar o atual estágio de inflação crescente seria necessário, na opinião de Belluzzo, estabelecer novos critérios de reajuste geral de preços, o que depende de um amplo acordo na área de preços e salários. “É claro que o governo não pode se comprometer a não reajustar suas tarifas”, a não ser dentro de um esquema concreto de compromisso da sociedade no sentido de optar-se por um outro índice de reajuste de preços que não o índice geral de preços (IGP).